

Inclinações

Outras horas
de Stockhausen

Não obsta a interrogação crítica do percurso do autor à consideração de *Hymnen – III Região* como uma obra deslumbrante, e num momento destes só há a exprimir a gratidão aos membros e à direcção da Orquestra Sinfónica Juvenil, e a Pedro Amaral, compositor e neste caso maestro

AUGUSTO M. SEABRA

No sismógrafo das emoções estéticas e pessoais, a intensidade sentida com a 1ª audição portuguesa – em 2005! – da 3ª região de *Hymnen* foi das mais elevadas. Pela beleza deslumbrante da obra em si, mas também pelas fortíssimas memórias que me suscitou de um tempo de utopias e de pluralismo estético.

Hymnen, obra electrónica construída a partir de uma série de hinos nacionais, data de 1966/67, a versão da *Região III, com orquestra*, sendo de 1969. Foi uma obra extremamente influente, lastro de que se encontram sinais em exemplos dos mais notáveis da *pop music* de então, o *Album Branco* dos Beatles, Frank Zappa ou os Pink Floyd – sobretudo os Floyd da sua obra maior, *Ummagumma*. E nós, então por cá?

Do mesmo quadro epocal, lembro alguns factos de 1972: na RTP, João de Freitas Branco exibiu um longo extracto de uma das mais extraordinárias obras de Stockhausen, *Momento*; Alfons e Aloys Konstarky vieram à Gulbenkian apresentar uma então muito recente e outra decisiva obra de Stockhausen, *Mantra*, poucas semanas depois de na mesma Gulbenkian se ter apresentado o New Phonic Art, o mais destacado grupo que no campo da música contemporânea

se dedicava à improvisação colectiva, bem como da 1ª audição portuguesa, entre outras obras de Berio, da mais genialmente representativa de um sincretismo e de uma abertura de perspectivas então existentes, *Sinfonia*. E isto, pouco meses depois do Cascais Jazz se ter iniciado com Miles Davis (e Keith Jarrett) e Ornette Coleman!

Foi um tempo de “utopia”? Certamente que sim, no sentido de uma suspensão da separação dos saberes e das fruições, essa lógica de organização industrial e cultural que agora é de novo triunfante. Mas uma “utopia” que tem também de ser criticamente interrogada, sob pena de se transformar em mais outra mistificação intelectual. E Stockhausen é mesmo um dos autores que mais urge interrogar.

No passado dia 5 de Maio, quinta-feira da Ascensão, na Catedral de Milão, apresentou ele a *Primeira Hora* do seu novo ciclo *Klang/Som*. Depois do ciclo *Licht/Luz*, dedicado aos *Sete Dias da Semana*, que o ocupou de 1977 a 2003, o projecto é agora o das 24 horas do dia. Esta megalomania é inquietante, e as gravíssimas afirmações que o compositor fez sobre a destruição terrorista das Torres Gémeas, considerando-a “a maior obra de arte jamais realizada”, e por mais que ele se tenha tentado justificar, nem podem ser

esquecidas nem tidas como alheias ao estatuto “profético” que se atribuiu, retirando-se para um mundo tribal e de adutores, uma “utopia” no seu mais distópico reverso.

Haverá então de considerar o percurso de Stockhausen em especial desde a obra que antecipou *Hymnen, Telemusik* de 1966, na qual residem as premissas do seu “ecumenismo” e misticismo: “Firmemente as minhas mãos abriram a tais convidados [os *objects trouvés*] o novo e desconhecido mundo dos sons electrónicos; queria que se ‘sentissem em casa’ não ‘integrados’ por algum acto administrativo mas genuinamente num encontro espiritual miscigenado”. Só que, além do solipsismo com que se atribui esse estatuto “xamânico” para além da racionalidade, nele sempre houve também um fascínio acrílico pela hiper-racionalização tecnológica da electroacústica – era a objecção que Nono lhe fazia, considerando-o mesmo um expoente musical do capitalismo avançado.

Não obsta a interrogação crítica do percurso do autor à consideração de *Hymnen – III Região* como uma obra deslumbrante, e num momento destes só há a exprimir a gratidão aos membros e à direcção da Orquestra Sinfónica Juvenil, e a Pedro Amaral, compositor e neste caso maestro, também autor de uma tese de análise de *Momento*.

Mas é igualmente importante constatar algumas derivações do fascínio tecnológico. Três dias antes, na Festa de Serralves, tinha eu ouvido *Kontakt der Jünglinge*, “performance electroacústica” de Thomas Köner e Asmus Tietchens, que se inspira em duas célebres obras electroacústicas de Stockhausen, *Kontakt* e *Gesang der*

Jüngling/O Canto dos Adolescentes.

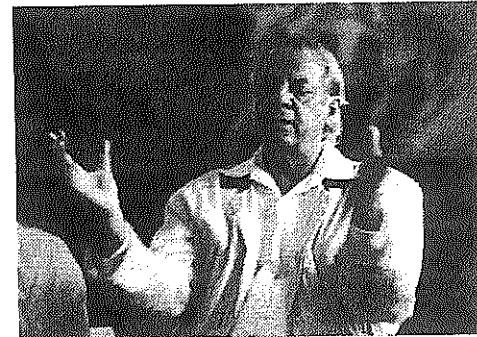
Tenho as maiores resistências à chamada “escuta acusmática”, termo de origem pitagórica – Pitágoras fazia as suas preleções por detrás de uma cortina negra, para que os discípulos se concentrassem nos ensinamentos e não fossem distraídos pela presença física do mestre. Admito que o paradigma electrónico delinear um novo horizonte epistemológico (é uma discussão em curso), mas tenho consideráveis dificuldades de concentração, num espaço público, em obras

das quais não sinto a presença física dos emissores, daquelas em que foi anulada a noção de “intérprete”, e não deixei de as sentir face àqueles dois, com a sua proeminente mesa de tecnologia e mistura.

Mas se quase tudo o que conheço de trabalho de *deejays*, mesmo os apontados como mais “experimentais”, me parecem operações até teoricamente interessantes, mas de rapidíssima erosão estética, a beleza gélida – e o chamado “stockhauseniana”! – do trabalho de Köner e Tietchens foi uma das primeiras vezes em que senti esta

tar perante uma efectiva produção estética de um desenrolar sonoro. Que, todavia, não posso abstrair de *Banlieu du Vide*, a instalação de Köner, patente noutra sala, em que os sons electrónicos envolvem imagens de videovigilância colhidas na Internet.

A sucessão das escutas e percepções, se proporcionou tão fortes emoções, não menos me deixou uma interrogação agravada sobre a inscrição da estética de Stockhausen neste mundo inquietantemente vigiado e de profetismos dos mais perigosos. ■



Stockhausen
Hymnen – Região III, com orquestra
1ª audição em Portugal
Orquestra Sinfónica Juvenil
Pedro Amaral
LISBOA Culturgest, 8 de Junho, às 21h30

Thomas Köner, Asmus Tietchens
Kontakt der Jünglinge
PORTO Auditório de Serralves,
5 de Junho, às 21h30